

Novo W. B. de Alencar

Notas sobre a questão indígena

Existe uma questão indígena. Ela significa que o país vê-se ante o dilema de incorporar os índios como participantes da democracia, com características próprias e específicas, ou, ao contrário, tratá-los como estrangeiros, marginais ou inimigos. Esse não é um drama exclusivo do índio. Camponeses e operários ainda são tratados em nosso país como caso de polícia. Na última greve dos metalúrgicos, mobilizaram-se contra os trabalhadores forças de guerra. Operários viram-se de repente, como posseiros e índios, privados na prática de direito mais elementar que é o de defender a própria sobrevivência. É claro que há diferenças, tanto no caráter social desses grupos, como na forma de ação e de organização que adotam em defesa de seus interesses. O que os une é que, embora distintos, operários, camponeses e índios são peças de qualquer projeto de sociedade efetivamente democrática no Brasil. Em nosso território continental há lugar para a fábrica, para o camponês, para a comunidade tribal.

A questão volta à tona a propósito dos recentes ataques dos Txucarramãe e Caiapó contra fazendas invasoras de terras índias, ataques que deixaram um saldo trágico de mortes, incluindo mulheres e crianças. O que é importante notar é que esses ataques, ao invés de motivarem reflexão sobre a condição de insegurança que cerca a situação da terra índia nos dias de hoje, serviram de pretexto, decerto há muito esperado, para novas investidas contra os índios. Logo após o ataque, o coronel Nobre da Veiga anunciava que "o governo já decidiu que não quer mais ampliações em áreas indígenas", revelando uma orientação que teria sido tomada em abril passado (ou seja: quem já invadiu terra

de índio fica onde está). Os jornais ^{is}O Estado de São Paulo e Jornal da Tarde dedicaram editoriais indignados contra o que chamaram de "privilégio indígena" e o "culto das minórias" no Brasil, acusando os nossos povos índios de serem latifundiários, predatórios, totalitários, socialistas e mais culpas que consideraremos adiante. O já ~~xxxx~~ tristemente famoso deputado Hélio Campos, ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ (autor de projeto de lei que expulsaria os índios de uma faixa de 150 quilômetros da toda a fronteira), volta a pleitear uma "nova legislação", que equipare os índios aos demais brasileiros. O coronel Hélio Campos sonha com um Brasil igualitário onde todos terão o direito de serem peões e bóias-frias, e no qual os patrões terão o direito de se apossarem da terra que quiserem.

De fato, qual é o ~~xxxx~~ núcleo dessa investida contra os direitos índios? A resposta é simples: trata-se da terra. Bloquear a reivindicação pela terra esbulhada, cercear o direito constitucional que os índios têm (apenas na teoria...) à terra que ocupam, contra documentos fraudulentos (o que o Jornal da Tarde considera como "abolição da propriedade privada"), expulsar sumariamente ~~xxx~~ os índios da terra de fronteira. Qual a novidade? ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ No passado o esbulho da terra índia foi praticado impunemente, apesar da lei, e praticado pelo próprio órgão oficialmente encarregado de assegurar os direitos indígenas (é de domínio público a trama de "certidões negativas" da FUNAI liberando terras índias ao capital nacional e multinacional, muitas vezes em benefício de seus funcionários e chefes). O que é novo é que hoje os índios estão defendendo ativamente seus direitos, e simultaneamente emerge na sociedade brasileira a

consciência de que os índios existem, e continuarão a existir em nosso país, possuindo direitos específicos e sendo parte integrante de qualquer projeto democrático. É por essa razão que já não basta agir na prática contra os índios: querem mudar a própria lei, ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ e a primeira investida foi o projeto de "emancipação" do índio, ou melhor dizendo, de emancipação da terra do índio (eliminada a posse inalienável e coletiva da terra, o índio é primeiro convertido em "feliz proprietário"; arruinado ~~XXXXXXXXXXXX~~ e expropriado, ~~XXXXXX~~ torna-se peão; ei-lo convertido em "cidadão"...).

Vejam os melhor o contexto em que ocorrem os recentes conflitos. Os ataques ^{queiros} caiapó e txucarraná não ocorreram isoladamente. São a ponta visível de um amplo quadro de violência que existe hoje no campo. Esse conflito é pela terra, e foi aguçado na última década com a invasão atabalhoada do campo pelo capitalismo nacional e internacional, amparado em incentivos oficiais, beneficiando-se de estradas novas, usando métodos que vão da fraude à violência. Nesse mesmo período, aumentou também a população camponesa, que defende seu direito à terra que lhe é continuamente tomada. ~~XXXXXXXXXXXX~~ Nesse ano dois líderes sindicais camponeses foram assassinados. Três líderes indígenas tiveram a mesma sorte. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ Eôdos eles, como o cacique Ângelo Cretã, previam sua morte (nessa semana, outro líder em Mangarinha foi ^{"acidental"} ~~XXXXXXXXXXXX~~ em idênticas circunstâncias "misteriosas"). Assim como os posseiros não confiam mais na burocracia do INCRA, os índios desesperaram da FUNAI. ~~É a situação atual do campo de luta indígena.~~ Os indigenistas de mais experiência foram demitidos do quadro do órgão; o atual presidente tem preferido parlamentar com os fazendeiros invasores a tratar diretamente com os índios em primeiro lugar; os limites de terra permanecem indecisos, com

essa presença do índio como participante da sociedade despertou um ~~índio~~ ódio mal disfarçado naqueles que só gostam da democracia para seus bolsos, mas nunca para os outros. Os argumentos são surrados, porque em última análise visam a disfarçar a cobiça pela terra.

Exigem que o índio seja "ingênuo" (se usa calça, não tem direitos de índio). Ou exigem que seja "civilizado" (se não usa calça, então temos que civilizá-lo ^à nossa maneira). Acusam-no de ser latifundiário, quando defendem o que lhes restou. Acusam-no de ser "predatório", como se fossem eles que devastam as matas. Foram agora incluídos entre os "subversivos". Dessa forma, o índio que quer conservar sua organização familiar, econômica e moral, ordem essa que o capitalismo é levado a subverter, esse índio é o subversivo. Por que tanto medo da posse e do trabalho comunitários em pequenos grupos tribais? Acusam o índio de abolir a propriedade privada (porque um parágrafo constitucional invalida os títulos ilegais sobre a terra índia). Acusam-no por fim de ser um estrangeiro, uma ameaça à segurança nacional. Nesse rosário de culpas, que lembra muito a fábula do lobo e do cordeiro, essa ~~última~~ ^{última} alegação é de terrível má fé. Desde o início do século o Brasil rejeitou a opção de usar seu exército para "desocupar" a terra de índios. Eles foram assim reconhecidos como brasileiros. Brasileiros específicos com direitos também específicos (pois é bem sabido que igualá-los "por decreto" nas regras do jogo violento do capitalismo selvagem é equivalente a exterminá-los pelo contágio, pela fome, pela ruína moral -- é o que ocorre atualmente com os ~~desterrados~~ ^{desterrados} índios Nambiquara, ~~representantes~~ ^{equivalentes} brasileiros das ~~matas~~ ^{famintos} ~~de Biafra~~ de Biafra). Essa tática que exclui índios e posseiros do domínio da nação não funciona hoje (funcionou em Canudos, por exemplo). A questão índia, com

como a questão camponesa, é uma questão da democracia. Não por que alguns intelectuais o queiram, e sim porque os índios estão aí. São parte da cena nacional. São brasileiros sem deixarem de ser índios. Assim como os brasileiros que trabalham a terra para alimentar a família; assim como os operários da cidade. Não inventaram a condição de índios; não inventaram sua condição de povos com soluções próprias de vida e contribuições originais à cultura brasileira. ~~Será necessário~~ A opção ^{para o futuro e a cura} ~~de~~ genocídio ou ^{de} democracia que inclua direitos ^(legítimos e específicos dos) índios.

Mauro Barbosa

Set. 80

Outras notas sobre a questão indígena.

Os povos indígenas do Brasil devem ser tratados como caso de política? Ou são, com suas características específicas, parte do Brasil?

•
A questão não é gratuita. Houve no início do século quem defendesse a utilização das Forças Armadas para desocupar terras a serem ocupadas por colonos estrangeiros. Queriam estes que o Exército se engajasse numa guerra de extermínio contra os índios. Na época a opinião pública foi mobilizada e em resposta afirmou: os ~~xxxxix~~ índios são brasileiros. Incorporou-se em seguida, ^{A Constituição} a partir da experiência de Rondon, o princípio legal de que os índios são brasileiros, e enquanto tais detentores de direitos. Mas brasileiros específicos, ante os quais a mera igualdade perante a lei significaria de fato a legalização de extermínio. Nessa condição de brasileiros com condição de índios, o direito principal é a garantia do espaço vital, da terra como lugar para viver e para trabalhar. É bem sabido que, entregue ao processo civilizatório "selvagem", o índio é derrotado muitas vezes sem chance de luta: pela doença, pela fome e pela ruína moral, quando não pelo massacre deliberado por meio de veneno, ~~xxx~~ balas e até mesmo dinamite.

Esse estatuto, vigente em princípio, não foi cumprido de fato. Entregue aos cuidados de um aparelho burocrático convertido em cabide de empregos primeiro, e depois em mero instrumento da política de "desenvolvimento", o direito índio foi na prática espoliado mais que nunca. Quando o genocídio se tornou internacionalmente conhecido, houve uma reformulação burocrática, que na realidade, através da FUNAI, apenas alterou os métodos da espoliação: agora via "certidões negativas", transferências e

redução de área.

Contudo, nos anos 50 surgiram alguns fatos novos e imprevistos para essa tática. ~~Os povos índios sobreviventes~~ Os povos índios sobreviventes estão lutando ativamente em defesa de seus interesses. ~~Encontra-se agora com o apoio~~ ~~de grupos urbanos interessados~~ na construção de democracia em nesse país. Surge assim uma "questão indígena". Por essa razão, é que ~~já~~ voltam a ser atacados com ódio mal disfarçado por aqueles que só gostam da democracia para seus bolsos, mas nunca para os outros. É o que é que indis põe essa gente contra esses povos que emergiram da ruína e tentam hoje resguardar seus interesses? É simples: a cobiça pela terra. O pretexto que queriam para voltar à carga foi dado recentemente: índios Txucarramãe e Caiapó atacaram fazendas invasoras, deixando mortos peões e empregados, incluindo mulheres e crianças. ~~Como resposta a essa~~ Como resposta a essa ação não se procurou a causa, e sim a revanche: Assim, o coronel Nobre da Veiga anunciou a congelamento das áreas indígenas (leia-se: os índios que reivindicam a reparação de direitos esbulhados perdem de antemão essa possibilidade); dois jornais de São Paulo protestam contra os "privilégios" índios e particularmente contra os seus "latifúndios" onde imperaria a "abolição da propriedade privada"; o deputado Hélio Campos volta a exigir a "igualdade" entre índios e brancos (depois de se ter celebrado com um projeto de expulsar os índios de toda a fronteira nacional). Em outras palavras, volta à carga a velha intenção de declarar os índios como "inimigos" da nação, de cassar-lhes seus direitos específicos de povos índios.

Vejamos melhor o que motiva essa sanha. Os ataques Caiapó refletem em primeiro lugar a situação de crônica insegurança que cerca a situação de todos os que trabalham e ocupam a terra no Brasil hoje. Essa situação, gerando uma onda de conflitos

que se tornou generalizada no campo, foi aguçada com a invasão atabalhoada das multinacionais e nacionais, amparada pelos incentivos oficiais, beneficiando-se de estradas de traçado arbitrário, usando métodos de fraude e violência. Nesse "far-west" dois líderes camponeses foram assassinados só este ano, e três líderes indígenas tiveram a mesma sorte. Todo dia há um conflito em torno da posse da terra no Brasil. Assim como os posseiros não confiam na burocracia de INCRA, os índios desesperam da FUNAI, na qual o presidente tem preferido parlamentar com os fazendeiros invasores a tratar diretamente com os índios. Onde os indigenistas foram substituídos em massa por coronéis que não convivem com o assunto; onde a demarcação das terras permanece na promessa, sendo as áreas não demarcadas invadidas na prática pelos fazendeiros. Foi esse o caso Caipão, cujas terras estavam sendo desde junho desmatadas por fazendeiros e peões. Nas semanas que precederam o ataque, 600 homens trabalhavam nessa operação, e corriam notícias sobre a chegada de mais 1.800 homens.

é preciso que se saiba que essa ação dos ^{inexperientes} gorotire foi apenas um aspecto no movimento índio de autodefesa que hoje, ao lado da luta de posseiros, é uma realidade. Associações índias, assembleias reunindo diferentes tribos, líderes capazes de ir à Brasília ~~exibir~~ nacionalmente suas reivindicações, ou de ~~organizar~~ organizar a retomada de terras índias, tudo isso é parte da cena democrática de hoje, quer se queira ou não. Os índios têm nome: Juruna, Raoni, Ângelo Cretã, Norberto Graviel (os três últimos assassinados este ano), Cricati.

Nos anos 70, surgiu paralelamente um fato novo na cidade: a questão indígena passou a ser compartilhada por grupos urbanos interessados na democracia. Surgiram associações pró-índio; ativou-se uma atitude mais compromissada por parte dos antropólogos que, ao mesmo tempo, organizavam-se em associações próprias; despertou-se uma frente solidária no seio da Igreja.

Partidos políticos começaram a mencionar a questão indígena. A questão agrária passou a incluir, ao lado da questão da terra, e ao lado dos direitos do povo do campo, a questão da terra dos índios.

que irrita os que querem os índios fora da "democracia"
É esse quadro ~~de~~ ~~que~~ ~~os~~ ~~índios~~ ~~fora~~ ~~da~~ ~~"democracia"~~ Os índios que permanecem incorformados com a inclusão do índio no quadro democrático voltassem à carga com surrados argumentos, a pretexto dos acontecimentos trágicos da Fazenda Espadilha. Esses argumentos não iludem mais. Uns dizem que é preciso "integrar" o índio de uma vez. Porque tão nobres intenções? Quem não sabe o que significa a "civilização" que se oferta ao índio? O resultado nunca foi índios civilizados: foi sempre índio morto, marginalizado. Os grupos índios que fugiram ao contato sobreviveram. Os que foram contatados "diplomáticamente" (sem falar nos que foram sumariamente chacinados) depereceram vítima de contágio, espoliação, perda do viver levada até o suicídio étnico. Mas ocorreu que, após essa vaga inicial de destruição e morte, ^{muitos sobreviveram} ~~alguns sobreviveram~~ e começam hoje a recompor a própria vida, assumindo com orgulho sua figura de índio. ~~Integram-se à sociedade brasileira.~~

Quem não sabe que o índio sobrevivente aprende por conta própria o que lhe interessa sobre a vida nacional? Aprendendo a ler, quando quer, munindo-se de gravador, desenvolvendo suas próprias táticas e aprendendo outras no relacionamento com o "civilizado", é evidente que os índios se integram à maneira deles à sociedade brasileira, sem deixar de ser o que são.

É exatamente essa integração voluntária, espontânea mas resguardada por um mínimo de autonomia, que os arautos da "civilização" rápida temem. O índio aprende, não há como evitá-lo. E

quanto mais aprende, mais aprende também a defender-se.

Acusam-no agora de ser "latifundiário" e "predatório", como ^{se chamavam Ludwig} ~~se chamavam Ludwig~~ os povos que imemorialmente habitaram e preservaram a Amazonia, ^{em produções} Foram acusados de defender o "socialismo tribal", e assim incluídos entre os subversivos por aqueles que querem subverter sua ordem familiar, ~~xxx~~ econômica e moral. Acusam-no de ser uma ameaça à segurança nacional, já sem ter o que alegar para disfarçar a ânsia de tratá-los como a inimigos externos. (Afimam, aprendemos sempre nos livros de História que a colonização se faz expulsando, escravizando e eliminando os índios; porque razão seria hoje diferente?). Essa argumentação ~~hoje~~ não convence, porque os índios já estão entre nós como parceiros diferentes da sociedade brasileira. Esses brasileiros com características específicas, assim como os camponeses, são também parte de nosso futuro, ou pelo menos do único futuro possível que é digno do nome de democracia.